



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
CURSO DE PEDAGOGIA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

MARINA BERTULLI RODRIGUES DA CUNHA

BRASÍLIA – DF, Agosto de 2019.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
CURSO DE PEDAGOGIA

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

MARINA BERTULLI RODRIGUES DA CUNHA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como requisito a Licenciatura de Pedagogia.

Sob a orientação da Professora Doutora: Liliâne Campos Machado

BRASÍLIA – DF, Agosto de 2019.

Rodrigues da Cunha, Marina Bertulli.

Formação de professores: no contexto da Educação Inclusiva/ Marina Bertulli Rodrigues da Cunha, 2019.

41 p.:

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2019.

Orientadora: Liliâne Campos Machado

É concedido à Universidade de Brasília permissão para produzir cópias desta monografia, emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Marina Bertulli Rodrigues da Cunha



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
CURSO DE PEDAGOGIA

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

MARINA BERTULLI RODRIGUES DA CUNHA

### **BANCA EXAMINADORA:**

Professora Doutora Liliane Campos Machado

Professor (a) Orientador (a)

---

Professora Doutora Etienne Baldez Louzada Barbosa

Avaliador (a)

---

Professora Isamar Gonçalo de Souza Ribeiro

Avaliador (a)

---

À toda a minha família e amigos que estão comigo desde o início me incentivando a estudar sobre o que eu acredito e a minha mãe que foi o primeiro motivo de escolher estar na área da educação.

## RESUMO

A pesquisa trata-se da questão da formação dos professores em relação a educação especial e a importância da capacitação dos professores, além de também abordar a relação professor-aluno que têm importância no aprendizado do estudante. Também está presente nessa pesquisa o referencial teórico sobre o tema, o desenvolvimento do assunto abordado, explicações e relatos das observações que foram feitas na instituição de ensino. O presente estudo de caso têm como objetivos reunir informações a partir de observações feitas ao longo do processo acadêmico da pesquisadora a fim de incentivar a formação dos professores na Educação Especial e mostrar os seus desafios e prováveis soluções. Trata-se de uma pesquisa qualitativa se baseando nas observações e relatos de experiências feitas desde 2015 em duas escolas (pública e privada), na primeira tendo três alunos com Síndrome de Down e na segunda tendo um aluno com Síndrome de Souto e dois autistas. O estudo teve também como base o pensador Vygotsky entre outros para a fundamentação teórica. Através das estratégias pedagógicas analisadas ao longo da pesquisa, pode-se identificar que as professoras observadas foram capazes de enfrentar os desafios do ambiente educacional inclusivo. Assim, pode-se ser observado ao final do ano o desenvolvimento da turma como um todo e não por grupos.

**Palavras-chave:** Inclusão, Formação docente, Síndrome de Down, Síndrome de Sotos.

## **ABSTRACT**

The research addresses the issue of teacher education in relation to special education and the importance of teacher training, as well as addressing the teacher-student relationship that is important in student learning. Also present in this research is the theoretical framework on the subject, the development of the subject addressed, explanations and reports of the observations that were made in the educational institution. This case study aims to gather information from observations made throughout the researcher's academic process in order to encourage teacher education in Special Education and show their challenges and likely solutions. This is a qualitative research based on observations and experience reports made since 2015 in two schools (public and private), the first having three students with Down Syndrome and the second having a student with Souto Syndrome and two autistic. The study was also based on thinker Vygotsky among others for the theoretical foundation. Through the pedagogical strategies analyzed throughout the research, it can be identified that the observed teachers were able to face the challenges of the inclusive educational environment. Thus, it can be observed at the end of the year the development of the class as a whole and not by groups.

**Key words:** Inclusion, teacher-student relationship.

# SUMÁRIO

1. Memorial.....	08
2. Introdução.....	10
3. Problema.....	12
4. Objetivos.....	13
5. Justificativa.....	13
6. Metodologia.....	15
7. Capítulo 1.....	16
8. Capítulo 2.....	22
9. Capítulo 3.....	25
10. Considerações Finais.....	38
11. Referências.....	39



# Memorial

Chamo-me Marina, sou de Brasília-DF e nasci no dia 11 de Abril de 1993. A minha família é de Minas Gerais (parte de pai) e do Rio de Janeiro (parte de mãe), porém apenas a família do meu pai mora em Brasília. Eu moro em uma casa com o meu pai Rodrigo, minha mãe Cristiane, meu irmão gabriel e três cadelas (Suri, Cash e Rocky). A minha mãe é professora da Secretaria de Educação e dá aula para uma turma de Primeiro Ano em uma escola rural. Meu pai trabalha em uma consolidadora na área da aviação.

Desde pequena eu tenho interesse em história, pois o meus avós sempre contavam histórias de quando eram mais novos e sobre outras pessoas da família. Eu sempre fiquei muito impressionada e queria escutar mais histórias é isso me fez aprender sobre diversas coisas sobre a minha família, além de outras coisas por experiências que vivi com a minha família. Como eu estudava pela manhã, eu ficava à tarde em casa com o meu irmão e avós, nós fazíamos diversas atividades fora de casa com eles, mas eram atividades o sentido de: catar minhoca pra ir pescar, procurar várias frutas para comermos mais tarde, ficávamos vendo o meus avós fazendo várias coisas que acabamos aprendendo.

Durante a Educação Infantil, eu estudei em uma escola pequena próximo ao condomínio que morávamos. Depois, estudei por dez anos em uma escola católica localizada no Lago Sul e finalizei o Ensino Médio em outra escola particular localizada na Asa Sul. Eu não me recordo muito bem sobre o que aconteceu na minha infância, principalmente na escola. Mas lembro que durante a Educação Infantil, participei de diversas apresentações como por exemplo sobre a Independência do Brasil, onde fizemos uma passeata perto da escola usando roupas parecidas com os Dragões da Independência. Além dessas lembranças, eu tenho uma caixa com vários trabalhos que realizei quando criança e vi alguns sobre o Brasil (bandeira pintada com tinta, por exemplo).

Durante o Jardim III (quando estudava em uma escola do Lago Sul) eu estava na sala de uma professora chamada Adriana, que eu gostava bastante; na primeira série eu tinha duas professoras; segunda série foi quando eu tirei a primeira nota baixa em matemática e lembro de estudar muito com a minha mãe para melhorar isso, eu me cobrava bastante; terceira e quarta série eu fiz diversas atividade de matemática, que era o mais cobrado pela escola. A minha mãe sempre me ajudou nas provas da escola, pois ela também é professora e sempre fazia provas para eu

estudar. Engraçado ter que fazer uma prova para fazer outra prova e era o que acontecia na minha casa. Um dia, o mesmo texto que a minha mãe havia colocado para eu estudar também caiu na prova e eu lembro de ter achado aquilo incrível. Ela sempre me ajudou até quando não sabia a matéria (como as mais específicas como biologia, química e física)

Mas durante a minha vida na escola, eu sempre demonstrei muito interesse por ensinar. Quando criança, eu tinha um quadro negro para brincar de professora, que também era usado para a minha mãe me ensinar o alfabeto, cores, ligar imagens as palavras e entre outras coisas. Sempre achei incrível como um professor poderia saber tanto e principalmente os professores que conseguiam fazer com que os alunos entendessem o conteúdo de uma forma mais lúdica.

Em 2012 eu passei para Química - Licenciatura na Universidade de Brasília e depois do meu Segundo Semestre, eu percebi que eu não queria dar aula para adolescentes e comecei a pegar matérias de outros cursos. Uma matéria que eu amei foi de Museologia (Museu, Patrimônio e Memória). Nessa matéria, aprendemos sobre diversas histórias sobre nazistas (que foi o que mais me chamou atenção) e entre outras coisas, como leis, por exemplo. Também me matriculei em matérias da Biologia, Pedagogia e Psicologia.

Depois desse momento de indecisão a respeito do curso que eu estava fazendo na Universidade de Brasília, eu comecei a fazer trabalho voluntário em uma Escola Classe da Asa Sul (começou em Março de 2015 e terminou em Dezembro do mesmo ano) e me apaixonei pela área. Eu ficava em uma sala de primeiro ano auxiliando a professora e três alunos com Síndrome de Down. Foi uma experiência incrível, no mês seguinte eu fiz a inscrição para o Vestibular e passei para Pedagogia. As crianças fizeram o trote comigo, eu fiquei muito emocionada, elas pintaram as minhas unhas, me maquiaram, fizeram um penteado no meu cabelo, fiquei parecida com um monstro, mas amei! Quando acabou o tempo nessa escola, eu fiquei bastante triste, mas também sabia que eu precisava estudar mais sobre o assunto e em como auxiliar crianças com Síndrome de Down, por exemplo.

Assim, em Janeiro de 2016 eu comecei a trabalhar em uma escola particular e bilíngue localizada no Lago Sul e lá eu fiquei sendo assistente de sala. Porém, lá havia também uma criança com Síndrome de Down e Apraxia de Fala e este menino tinha uma assistente somente para ele. Muitas vezes eu ficava com ele (durante o almoço da assistente ou quando ela faltava). Ele era muito inteligente, os pais

incentivam bastante e ele falava por ASL (Linguagem de Sinais Americana) e outros três tipo de formas de se comunicar. No ano seguinte, eu fiquei em uma sala com 18 estudantes de 5/6 anos e achei bem interessante, nas aulas de Português, aprender um pouco mais sobre Folclore, por exemplo e também em como passar esses conteúdos de forma mais dinâmica.

Em 2018 eu saí dessa escola localizada no Lago Sul e mudei para Toronto - Canadá para aperfeiçoar o meu inglês. Após um ano morando no exterior, eu voltei para Brasília e comecei a trabalhar em outra escola bilíngue também no Lago Sul.

O bom dessa profissão que escolhi e espero exercer para o resto da minha vida é que você sempre tem que estar se atualizando para dar o melhor na sala de aula, mas muitas coisas nós só aprendemos na prática. E trabalhar com crianças é algo surreal, eles falam coisas que você nunca ouviu, tem pontos de vista totalmente diferentes e são bem verdadeiros quando fazemos alguma pergunta. Isso tudo chega a ser cômico, eu passo o dia inteiro rindo com as crianças e não vejo a hora de me formar e ter a minha turma para fazer todas as coisas que eu imagino.

## **Introdução**

Este trabalho tem como foco central analisar a formação docente frente à demanda escolar sobre a inclusão, além de mostrar também os pontos principais sobre o professor que procura se capacitar para melhor atender a demanda de sua sala de aula.

Implementação da educação inclusiva com planejamento para suas diversas etapas, desde a formação dos professores até a organização pedagógica da escola, para que se constitua em um processo de enfrentamento e de encaminhamento das propostas, dos programas e de adoção de princípios pedagógicos entendidos e acolhidos pelos professores, envolvidos diretamente no ensino e na avaliação da aprendizagem dos alunos, com respeito às minorias historicamente excluídas das instâncias sociais (...) a inclusão escolar e social é um processo que deve, cada vez mais, ampliar o acesso aos bens culturais, promovendo a participação dos alunos e professores, com base em princípios políticos democráticos, isto é, independentemente de raça, cor, sexo, religião, condição física e/ou cognitiva ou condição social dos alunos com e sem deficiência (COSTA, 2012, p. 145).

O que pode ser visto, a partir do que demonstra Costa (2012), que a formação de professores capacitados é também um investimento na educação. A pesquisadora teve contato com uma voluntária social que morou na Índia e alguns

pontos foram bastante diferentes do que conhecemos. Na área rural de uma cidade da Índia, os professores não precisam ser formados para ensinar, onde basta apenas saber ler e escrever. E por não terem uma formação adequada, os métodos utilizados nessas escolas são bastantes atrasados (por exemplo: ainda ocorre a palmatória). Além disso, pode ser visto que a estrutura da escola não favorece os alunos (de decorações até a estrutura física da escola). Ou seja, as escolas ao redor do mundo são bastante diferentes por vários motivos, sendo eles religiosos e culturais. E isso acaba interferindo em como os alunos aprendem e se desenvolvem, inclusive os alunos com necessidade educacionais especiais.

Durante a prática nas escola foi percebido um discurso que deslegitima a formação docente. Uma situação que chamou a atenção da pesquisadora quando estava fazendo a observação na Escola Classe no ano de 2015 foi que durante uma conversa na hora do lanche, as professoras estavam comentando sobre a desvalorização dos professores. Após a pesquisadora mostrar interesse em trocar o curso de Química para pedagogia, muitas ficaram rindo e dizendo que iria ser pobre porque é um trabalho que não é reconhecido de verdade por todos.

[...] atuar em outros cargos do sistema de ensino, como a coordenação pedagógica, a direção e a supervisão escolar, também melhor remunerados que a docência e, normalmente, com maior reconhecimento e valorização social. (BARBOSA, 2012, p.4)

De acordo com Barbosa (2012), pode-se entender que qualquer área é melhor que ser professor, sendo assim, escolher coordenação ou até mesmo ser professor de Química é melhor do que ser professor na Educação Infantil e anos iniciais.

Essa experiência vivida pela pesquisadora se dá por várias motivos. Muitos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I têm o pensamento de que “Os salários dos professores que trabalham com crianças pequenas são, em geral, menores que os salários de professores que trabalham com adolescentes ou jovens [...]” (JACOMINI; ALVES; CAMARGO, 2015, p. 7).

Essa área é a base para toda a vida de uma pessoa, pois sem um professor, a criança não aprende diversas coisas que são de extrema importância para o desenvolvimento dela, como coordenação motora fina que é muito trabalhada na Ensino Infantil/Fundamental. A formação de professores deve ser o foco nas discussões sobre a educação, pois sem professores capacitados, não há como garantir que a criança vá ter um ensino de qualidade e significativo.

A primeira observação foi feita em 2015 em uma Escola Classe de Ensino Fundamental localizada na Asa Sul com uma turma de Primeiro Ano. A segunda observação foi feita em 2019 em uma Instituição privada de Educação Infantil em duas turmas de 2 e 4 anos. Além disso, também foi feito um questionário sobre o tema para haver um maior entendimento dos mesmos tópicos com pessoas que exercem funções diferentes nas escolas.

O trabalho apresentado traz a indagação de como os professores se especializam para atender os alunos com deficiência seja ela qual for, já que os mesmos saem da Universidade/Faculdade sem o conhecimento prático de como se portar em sala de aula que têm esses alunos matriculados. A motivação para este trabalho surgiu a partir de um trabalho como monitora em uma escola pública onde havia uma criança com Síndrome de Down e isso fez com que dúvidas surgissem a respeito da formação de professores e se os mesmos se sentem capazes de ensinar uma criança com deficiência. Além dessa experiência como monitora, os projetos 3, 4 e 5 também fizeram parte dos questionamentos diários sobre este assunto. Assim, esse trabalho vem sendo desenvolvido desde 2015 através de questionários, observações e pela vivência durante esses últimos anos, sendo esta última a considerada mais importante para o projeto.

Vale mencionar que esse trabalho não pretende responder aos questionamentos mostrados no presente estudo, mas visa oferecer o surgimento de novas indagações a respeito do tema, além de incentivar o interesse sobre essa área da Educação Inclusiva.

## **Problema**

O problema apresentado neste trabalho é saber qual a importância e as dificuldades que os professores enfrentam ao escolherem trabalhar na Educação Inclusiva onde não há apenas classes regulares. A questão que motivou essa pesquisa foi: que estratégias os professores criam ao lidarem com alunos especiais em situações diversas no cotidiano educativo?

## Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é incentivar a formação dos professores da Educação Inclusiva na Educação Infantil através de cursos e mostrar os desafios e formas de resolvê-los. Além disso, os objetivos específicos são reunir informações sobre a formação dos professores e saber quais os desafios enfrentados por eles; analisar as observações feitas nas escolas onde há crianças com Autismo e Síndrome de Sotos é os desafios nessas classes; e por último, analisar os dados recolhidos pela pesquisadora a respeito da formação dos professores referente às escolas de Educação Infantil.

## Justificativa

O tema abordado neste estudo é sobre a formação de professores e relacionando com a Educação Inclusiva. A motivação para este estudo se deu a partir das observações e experiências nos anos de 2015 - 2019, se iniciando como voluntária social em uma escola pública e tendo como responsabilidade estar com três alunos com Síndrome de Down. Na época eu cursava Química na Universidade de Brasília e decidi mudar para Pedagogia por causa da vivência durante o ano como voluntária, além de também ver como o trabalho do professor é gratificante.

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica 2018, divulgados pelo Instituto Nacional De Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (BRASIL, 2019), o número de matrículas da educação especial aumenta há cada ano, como por exemplo de 746.715 (2015) para 929.387 (2018) alunos matriculados na Educação Básica. Além disso, o percentual de alunos de 4 a 17 anos da educação especial incluídos em classes comuns também aumentou com o passar dos anos, sendo 88.4% em 2015 e tendo aumento em 2018 para 92.2% nas escolas públicas, federais, municipais, estaduais e privadas.

Em relação ao espaço físico da instituição de ensino, Rinaldi (2002) diz,

[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que

todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações (p. 77).

Assim, a escola deve ser um ambiente neutro, sem preconceitos e acolhedor, portanto o professor não deve tratar de forma diferenciada as crianças, caso isso aconteça, estará ocorrendo a exclusão ao invés da inclusão.

Além disso, de acordo com Galardini e Giovannini (2002), mostram que o espaço escolar é de grande importância para o desenvolvimento da criança:

[...] A qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular a investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração, fazê-la sentir-se parte integrante do ambiente e dar-lhe uma sensação de bem-estar (p. 118).

Também devem ser feitas adaptações para os alunos que possuem certas limitações, como uma sala em que só conseguem chegar utilizando escadas, nesse caso, também ocorre a exclusão dos alunos que utilizam as cadeiras de rodas, por exemplo.

A partir de conversar com professores da Escola Classe estudada no ano de 2015, muitos professores efetivos não se sentiam capacitados o suficiente para receber os alunos com determinadas deficiências e procuravam escolher durante semana pedagógica uma turma que possuía apenas alunos regulares. De acordo com as professoras, essa escolha se dava devido as pontuações adquiridas durante a sua carreira, assim como: anos de regência, cursos realizados, tempo em sala de aula, tempo como coordenador(a), tempo em direção e entre outros.

Dessa forma, assim como as escolas, os professores também devem procurar mais a respeito sobre os seus alunos e seus especificidades, em como trabalhar com eles e saber qual a melhor maneira de ensinar todos da turma, independente das características dos alunos. Alves (2009) mostra que para haver uma educação inclusiva de fato,

[...] O importante não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários desta escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. Não adiante cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas.  
(ALVES, 2009, p.45,46).

A importância dessa pesquisa se deu pelo fato de haverem casos de pessoas que não tiveram o conhecimento que é de direito de todos, a falta de

comprometimento de alguns profissionais e a falta de interesse das Universidades em não ofertarem matérias que possam facilitar para que o estudante se sinta preparado para trabalhar na escolas inclusivas. Através deste estudo, a pesquisadora poderá documentar como os professores se sentem aptos ou não em estarem em uma turma inclusiva, se eles se empenham em ensinar a todos os alunos da turma, quais as estratégias utilizadas por eles e quais as dificuldades enfrentadas pelos professores em relação a aprendizagem dos alunos.

Este estudo está dividido em quatro partes:

1. Metodologia.
2. Capítulo 1: Formação de professores.
3. Capítulo 2: Educação Inclusiva.
4. Capítulo 3: Contexto das escolas/salas de aula.

## **Metodologia**

### **Contexto da pesquisa**

A pesquisa tem como metodologia qualitativa e baseia-se em uma pesquisa de campo, questionários e relatos de experiência pela vivência nos locais estudados, possibilitando a abordagem qualitativa.

Andrade (2005, p. 127) comenta que, “A pesquisa de campo assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada ‘em campo’, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que há interferência do pesquisador sobre eles”. Assim, a saída de campo foi seguida pelos objetivos da pesquisa com comentários da pesquisadora e comparações entre ambas escolas e textos.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas: Escola Classe localizada na Asa Sul com alunos do Primeiro Ano do Ensino Fundamental e outra Instituição de Educação Infantil particular localizada no Lago Sul com crianças do Kids 2 e Kids 4 (4 anos). Assim sendo um relato objetivo, direto e com informações relevantes ao tema da pesquisa, não sendo emotiva e com narração solta. A pesquisa foi feita por meio de relatos de experiência durante o período da graduação da pesquisadora, através do trabalho como voluntária social e estágio obrigatório da Pedagogia.

A primeira foi realizada no ano de 2015 (Março - Dezembro) em uma Escola Classe do Distrito Federal localizada na Asa Sul com o intuito de acompanhar três alunos com Síndrome de Down durante as atividades realizadas na escola e na



Escola Parque. O foco foi na turma do 1º ano do Ensino Fundamental, sendo inclusiva e reduzida, com 11 alunos e a professora regente. Assim, foi observado a posição da professora frente a esses três alunos em relação a turma e seus desafios enfrentados ao longo do ano letivo.

A segunda pesquisa foi realizada em uma Instituição de Educação Infantil particular localizada no Lago Sul no ano de 2019 (Janeiro - Novembro) em duas turmas de diferentes idades. Uma turma com crianças de dois anos, também sendo inclusiva e reduzida com 9 crianças, dentre elas, duas crianças autistas. A outra turma com crianças de quatro anos, inclusiva e com uma criança com Síndrome de Sotos. As observações das duas turmas foram registradas no Projeto 4 do estágio obrigatório, assim podendo relatar muitos dos acontecimentos presenciados durante o ano letivo.

Durante as vivências na Escola Classe e Instituição de Educação Infantil foram usadas como instrumentos da pesquisa as dinâmicas com as professoras, sendo elas as conversas, atividades e planejamentos realizados em conjunto. Assim, a pesquisadora pode compreender as estratégias utilizadas pelas professoras para facilitar o desenvolvimento e o processo de aprendizagem de todos os alunos.

A próxima etapa deste trabalho foi feita em três capítulos sendo o primeiro falando sobre a formação de professores e a sua importância, o segundo capítulo mostra a educação inclusiva e a formação/especialização dos docentes e por último, o terceiro capítulo traz as observações e relatos da pesquisadora em duas escolas diferentes (pública e particular) e que se dizem inclusivas.

## **Capítulo 01. Formação de professores**

A formação de professores é algo bastante importante pois é na Universidade que as pessoas estudam para poder dar aula. Infelizmente na graduação muitas vezes não é necessário, a pesquisadora conversou com várias pessoas que dão aula e não são formadas e/ou que são formadas em outro curso mas precisam fazer complementação pedagógica.

Em relação às Universidades, muitos alunos questionam sobre ter bastante teoria, pouca prática e várias matérias que parecem iguais. Isto é algo que é uma das dificuldades dos professores formados e que entram em sala sem experiência,

saber pegar toda a teoria que aprendeu com os estudos e aplicá-la na sala de aula, pois muitas vezes a teoria não é o suficiente. De acordo com o artigo 59 da LDBN (BRASIL, 1996):

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Porém, essa diretriz aponta que essa especialização se dá apenas para professores destinados a salas de atendimento educacional. Já para Vitaliano (2007), a formação acadêmica dos docentes tem que ser pensada de uma forma para que consigam desenvolver uma prática pedagógica mais reflexiva e comprometida com o contexto atual.

O currículo é um grande problema para a formação de professores, principalmente se os alunos querem seguir essa área de ensinar estudantes com deficiência. O que a estruturação curricular deve favorecer:

[...] uma visão de totalidade e abrangência da realidade, a ruptura com o conhecimento no nível do senso comum, adotar o diálogo como sua essência, exigir do educador uma postura de crítica, de problematização constante, de distanciamento, de estar na ação e de se observar e se criticar nessa ação, apontar para a participação, discutindo no coletivo e exigindo disponibilidade dos educadores (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011, P. 166).

A aluna A que cursa Pedagogia na Universidade de Brasília disse que "Eu não me sinto preparada para entrar em sala de aula depois que eu me formar. Como eu trabalho o dia todo, eu não tenho tempo para trabalhar como estagiária para realmente praticar a profissão e um dos meus medos é me formar e perceber que ser professora não é o que quero". Esse pensamento ocorre diariamente com as turmas do turno Noturno, pois muito trabalham período integral e não conseguem praticar como deveriam, sendo esse um dos motivos que os graduados sentem ao entrar em sala pela primeira vez.

Outra dificuldade da formação é a desvalorização do professor, que pode ser vista no ingresso dos estudantes nas universidades. Se alguém deseja ingressar na Universidade de Brasília, por exemplo, verá que a nota de corte é muito baixa se comparada com outros cursos, principalmente se for no período do Noturno.

De acordo com o Centro de Seleção e de Promoção de Eventos (CESPE), que promove o vestibular da Universidade (2015), também o ano em que a

pesquisadora passou para a Universidade de Brasília, para Pedagogia, haviam 42 vagas (entre elas eram divididas entre cotas para negros, cotas para Escolas Públicas e o Sistema Universal, sendo o último o optado pela pesquisadora). Havia 57 inscritos no curso de Pedagogia - Noturno com demanda era de 1,36 candidato/vaga, já na Pedagogia - Diurno, a demanda era de 1,82. Comparando com os outros cursos como, a Pedagogia não chega aos pés de cursos como medicina 97,17 candidato/vaga.

E é algo que traz angústia e frustração para os alunos do curso, porque o professor é a base de tudo, para um médico/engenheiro/químico/... ser quem ele é, com certeza ele teve um professor desde pequeno e isso influencia bastante. Muitas pessoas acham que as crianças do Maternal ao Ensino Fundamental estão na escola para brincar, para passar o tempo ou para os pais poderem trabalhar e é por isso e outros motivos que muitos não valorizam os professores. Se a criança aprendeu a ler e a escrever, o professor é o responsável.

Há diversos estudos com maneiras mais eficazes de passar o conteúdo para cada aluno, formas mais naturais da criança entender e isso a Pedagogia realmente ficou mais complexa ao longo dos anos. Muitos estudos foram feitos com o intuito de melhorar tanto a aprendizagem quanto na forma de passar esse conhecimento. A escola era vista como um local onde os alunos sentavam em cadeiras enfileiradas e apenas reproduziam ao que o professor mandava, porém estar na escola não é apenas para estudar, também estão lá para socializar, criar vínculos e isto é bastante importante para as crianças. Essa Pedagogia mais complexa e mostrada por Vygotsky quando trata do caminho da Pedagogia:

[...] se um professor desejar ser pedagogo cientificamente formado, vai ter de aprender muito. Antes se desejava apenas que conhecesse sua matéria e o programa é que soubesse dar alguns gritos em sala de aula ante um caso difícil. Hoje a pedagogia se transformou em uma arte verdadeira e complexa, com uma base científica. Portanto, exige-se do professor um elevado conhecimento da matéria e da técnica de seu trabalho. (VYGOTSKY, 1924/2003, p. 300)

Formar professores para a educação básica significa, antes de mais nada, *tomar a própria educação básica* como objeto preferencial de estudo. Ao fazê-lo, teremos que considerar os *valores que explicitam o sentido da vida humana*, ou seja, os direitos de inserção nos bens sociais e culturais (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 34).

Ensinar na Educação Infantil requer cuidado e situações que possam facilitar o aprendizado da criança seja ela por meio da relação criança-criança ou criança-professor, o que for mais eficaz para cada criança. De acordo com Vygotsky (2001b) professor deve ser o mediador do processo de aprendizagem que deve escutar as crianças ao invés de ignorá-las e observá-las para entender sobre cada uma. E para que tudo isso ocorra, o professor deve gostar do trabalho, porque se não é algo que pode ser forçado.

Para ser professor, a pessoa tem que entender que está lidando com crianças, que muitas vezes irá influenciá-las e que está “formando” os alunos para o mundo. Segundo Freire (1975), o docente é o educando são sujeitos do processo educativo e ambos crescem juntos nessa perspectiva. Além de ensinar, o profissional consegue mostrar a diferença do que é “certo e errado”, o que pode ou não ser feito, mostrar realmente muito do que os pais já ensinam as crianças.

Durante a pesquisa, foi possível observar diversos desafios enfrentados pelos professores, são alguns deles:

- Desrespeito aos colegas em geral;
- Brincadeiras durante a aula atrapalham os que estão atentos;
- Falta de auto-estima que reflete no aprendizado;
- Falta de material pedagógico para exercer certas atividades que acabam interferindo no aprendizado das crianças.

Mesmo com essa desvalorização do professor, há inúmeras pessoas que querem seguir nessa área e dizem que é por amor pois o salário não corresponde com o tanto de trabalho que um professor tem durante o ano. Eles precisam fazer vários planejamentos, atividades e muitas vezes precisam de atividades e planejamentos diferenciados de acordo com cada criança. Isso que é interessante do professor que quer seguir na área da Educação Especial, ter essa vontade e entusiasmo de montar diferentes exercícios para poder atingir o objetivo esperado.

A dificuldade da pessoa que deseja seguir na Educação Infantil Inclusiva é igual de qualquer outra área da Pedagogia. Nos currículos possuem poucas matérias e quase nenhuma é obrigatória. O que deve ser pensado é que não importa se o professor sabe ou não como lidar com uma criança deficiente porque ele não pode rejeitar um aluno. O professor irá aprender na prática e terá bastante problemas até se adaptar e saber como lidar em sala de aula, como montar um

planejamento e atividades diferenciadas. Isso é chamado de adequação curricular, que faz a matéria estudada adequada para cada estudante.

O professor que está nessa área precisa estar sempre estudando sobre o assunto porque é algo que sempre tem novidades, muitas pessoas estudam mais formas de ajudar esses estudantes, métodos de aprendizagem mais significativos e inúmeros outras maneiras de facilitar o ensino. Além disso, ele pode testar várias maneiras que sejam mais adequadas para o estudante ou que ele se sinta mais livre para entender. E para que isso ocorra, o professor deve se sentir confortável com o que está fazendo, porque se não for o caso, ele pode estar prejudicando todos os alunos regulares ou não.

Os professores que percebem que estão enfrentando desafios pretendem mudar resolver os problemas em sala e buscam formas de solucionar. Esses foram umas das soluções encontradas pelos professores, sendo alguns deles:

- Relação professor-criança boa;
- Chamar atenção dos alunos quando há algo que possa estar incomodando certo aluno;
- Conversar com os pais;
- Encaminhar para o orientador para que tenha um trabalho mais focado no assunto abordado por ele;
- Leitura de livros sobre os temas conversados em sala de aula.

O professor capacitado é ser um profissional apto a adaptar o currículo para cada estudante, montar diversos jogos educativos que podem proporcionar um aprendizado mais significativo do que com livros, ter paciência com as diferenças de todos os alunos. E se essa pessoa é capaz e possui vontade de fazer esse trabalho independente das dificuldades, ele verá que é muito gratificante cada “passo” dos estudantes. É um trabalho que não é visto como algo que irá dar dinheiro, mas sim pela gratidão de ajudar à todos que precisam e por conseguir.

De acordo com o DECRETO Nº 8.752, DE 9 DE MAIO DE 2016:

Art. 3º São objetivos da Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica:

I - instituir o Programa Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica, o qual deverá articular ações das instituições de ensino superior vinculadas aos sistemas federal, estaduais e distrital de educação, por meio da colaboração entre o Ministério da Educação, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

II - induzir avanços na qualidade da educação básica e ampliar as oportunidades de formação dos profissionais para o atendimento das políticas deste nível educacional em todas as suas etapas e modalidades, e garantir a apropriação progressiva da cultura, dos valores e do conhecimento, com a aprendizagem adequada à etapa ou à modalidade cursada pelos estudantes;

III - identificar, com base em planejamento estratégico nacional, e suprir, em regime de colaboração, a necessidade das redes e dos sistemas de ensino por formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica, de forma a assegurar a oferta em quantidade e nas localidades necessárias;

IV - promover a integração da educação básica com a formação inicial e continuada, consideradas as características culturais, sociais e regionais em cada unidade federativa;

V - apoiar a oferta e a expansão de cursos de formação inicial e continuada em exercício para profissionais da educação básica pelas instituições de ensino superior em diferentes redes e sistemas de ensino, conforme estabelecido pela Meta 15 do PNE;

VI - promover a formação de profissionais comprometidos com os valores de democracia, com a defesa dos direitos humanos, com a ética, com o respeito ao meio ambiente e com relações étnico-raciais baseadas no respeito mútuo, com vistas à construção de ambiente educativo inclusivo e cooperativo;

VII - assegurar o domínio dos conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos e específicos pertinentes à área de atuação profissional, inclusive da gestão educacional e escolar, por meio da revisão periódica das diretrizes curriculares dos cursos de licenciatura, de forma a assegurar o foco no aprendizado do aluno;

VIII - assegurar que os cursos de licenciatura contemplem carga horária de formação geral, formação na área do saber e formação pedagógica específica, de forma a garantir o campo de prática inclusive por meio de residência pedagógica; e

IX - promover a atualização teórico-metodológica nos processos de formação dos profissionais da educação básica, inclusive no que se refere ao uso das tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos.

## Capítulo 02. Educação Inclusiva

Ao longo da história, as pessoas deficientes foram tratadas de diversas formas com o intuito de serem excluídas dos demais em diversas situações cotidianas. Quando os alunos deficientes foram para as escolas, a segregação continuou com grupos de alunos excluídos, onde as pessoas achavam que deveriam ficar em uma escola apenas para eles. A partir da década de 1980, estudos e entendimentos sobre pessoas deficientes foram aumentando até chegar ao que é conhecido hoje. Segundo Mazzotta (1996), movimentos de inclusão desafiadores surgiram com base no princípio de igualdade nos sistemas sociais, incluindo a instituição escolar.

A Educação Especial é de suma importância pois de acordo com a Constituição Federal de 1988, a educação ser para todos e independente de qualquer coisa e visa a igualdade no acesso do ensino sem discriminação. Sendo mostrada abaixo:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...) (BRASIL, 1998, p.2).

Esse assunto é bem delicado para certas pessoas, mas é algo que deve ser alvo de discussões e debates. A Lei nº 4.024/61 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional mostra que as pessoas com deficiência deveriam ir para classes especiais a fim de desenvolver habilidades que não seriam desenvolvidas na classe regular. Até hoje ainda existem escolas com classes especiais, mas o que deveria ser feito é a adaptação curricular para estes alunos e a inclusão nas classes regulares.

Em 1990 foi aprovada a Declaração Mundial de Educação para Todos, com intuito de universalizar a educação e garantir as necessidades do aprendizado de todas as crianças, jovens e adultos, assim também para as pessoas com deficiência. Após quatro anos, a Declaração de Salamanca aponta a Educação para Todos, além dos Direitos Humanos e visando a inclusão social, assim, capacitando professores e escolas para atender as pessoas com deficiência.

Os direitos da pessoa com deficiência aumentaram ao longo dos anos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 mostra que a educação das pessoas com deficiência deve ser na rede regular e é um dever da

família e do Estado promover a educação a eles. Assim como é dever da escola promover o aprendizado e desenvolvimento do estudante para qualificá-lo para o mercado de trabalho.

A partir do DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011, podemos ver a maior importância que tem-se dado às pessoas com NEE tendo como objetivo a inclusão.

Art. 1º O dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes:

I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;

II - aprendizado ao longo de toda a vida;

III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;

IV - garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;

V - oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

VI - adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;

VII - oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino;

VIII - apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial.

§ 1º Para fins deste Decreto, considera-se público-alvo da educação especial às pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação.

§ 2º No caso dos estudantes surdos e com deficiência auditiva serão observadas as diretrizes e princípios dispostos no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Após vários decretos e leis, em 2015 surge a Lei nº 13.146 de 6 de Julho. Esta Lei mostra as garantias e avanços garantindo a igualdade e não discriminação nas áreas mostradas abaixo, além da formação e disponibilização de docentes para o atendimento educacional:

- Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover,



em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

- Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.
- Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: acessibilidade, desenho universal, tecnologia assistiva ou ajuda técnica, barreiras, barreiras urbanísticas, barreiras arquitetônicas, barreiras nos transportes, barreiras nas comunicações e na informação, entre outros.
- Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.
- Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.
- Art. 7º É dever de todos comunicar à autoridade competente qualquer forma de ameaça ou de violação aos direitos da pessoa com deficiência.
- Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.
- Art. 9º A pessoa com deficiência tem direito a receber atendimento prioritário.
- Art. 10. Compete ao poder público garantir a dignidade da pessoa com deficiência ao longo de toda a vida.
- Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de

toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

## **Capítulo 3. Observações e relatos de campo**

### **Primeira escola**

Essa foi uma pesquisa qualitativa e serviu para explorar o problema observado pela pesquisadora visando um entendimento maior sobre o tema. E por isso foi feita uma visita de campo além de um questionário que será mostrado neste relatório com o intuito de mostrar as diversas informações sobre o tema.

O questionário foi realizado com 20 pessoas de diferentes áreas de ensino que variam desde Escola Classe até Caixa Seguradora e desempregados. Esse questionário levou a várias áreas pois foi feito com alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília que não trabalhavam na área e com pessoas da área da Educação. Para o que trabalham em escolas, as funções são diversas como monitor, assistente, professor e outros cargos. Também o nível escolar varia, como há pessoas de outras funções, nota-se que é equilibrado a divisão entre os níveis (Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, outros).

A pesquisadora fez em 2015 trabalhou como voluntária social em uma Escola Pública com três crianças com Síndrome de Down. A turma era reduzida e todos os estudantes era bem receptivos com os três alunos porque não havia preconceito. As crianças eram tratadas de forma igual às outras tanto pelas professoras quanto pelas próprias crianças. Isto é algo que vem pelo meio em que vivem e por estarem em uma escola inclusiva, as crianças de todos os anos não tinham esse pensamento. Isso ocorreu porque a escola trabalha a inclusão através de livros, teatros e na rodinha era conversado. Ao final do trabalho, pode-se perceber como é importante a inclusão, como funciona a mudança curricular e as atividades/formas de passar o conhecimento para as crianças.

A escola era inclusiva, mas não para todos os alunos. Para os alunos que não conseguiam ficar dentro de sala de aula, estes ficavam na classe especial até conseguirem trabalhar o social (o que ocorreu no ano seguinte). A integração e

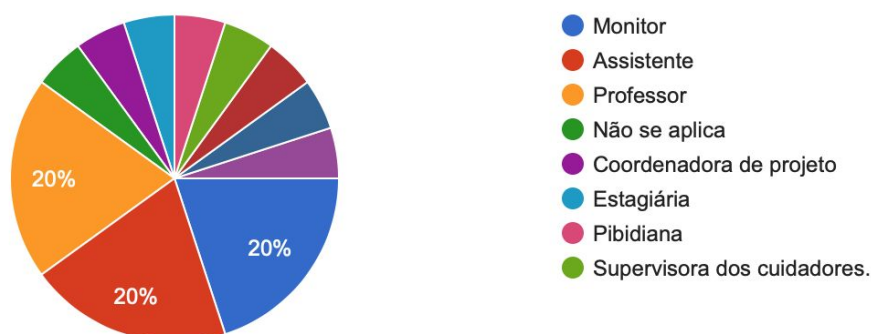
diferente da inclusão, pois para uma escola ser inclusiva, ela tem que ter inserção completa do aluno na rotina escolar, não tendo que trabalhar algo nelas para ser integrada na classe regular. Essa é uma das diferenças que pode-se perceber entre inclusão e integração. Pela educação ser para todos, assim como a escola, não há para que haver essa integração dos alunos com deficiência, isso acaba excluindo ao invés de incluí-lo na rotina da escola.

Foi feito um questionário durante o ano de 2015 com pessoas que estão na universidade, outros que já se graduaram, com professores e monitores, ou seja, com pessoas com funções diversas. O intuito disto foi para tentar entender o que essas pessoas pensam sobre a formação de professores ser um pouco falha na área inclusiva.

É possível observar no gráfico abaixo que a idade varia, porém, a maioria possui de 19 à 24 anos e também são do sexo feminino. Além disso, 60% dos entrevistados ainda estão estudando na Universidade/Faculdades particulares e 35% já se graduaram. Sobre a oportunidade de participar de matérias inclusivas, 75% disseram que já haviam participado e 25% não tiveram essa experiência.

### Qual a sua função?

20 respostas

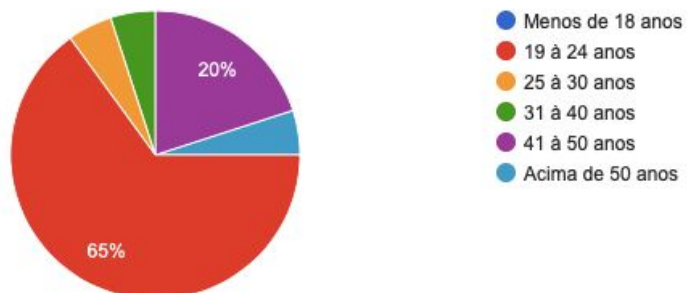


Isso ocorre porque uma parte das pessoas que responderam o questionário entraram na faculdade há algum tempo, onde não eram obrigatórias matérias que estudassem esse tópico e por isso, elas tiveram que procurar fora da

universidade/faculdade cursos para se especializarem para entenderem um pouco mais sobre o que acontece na prática docente.

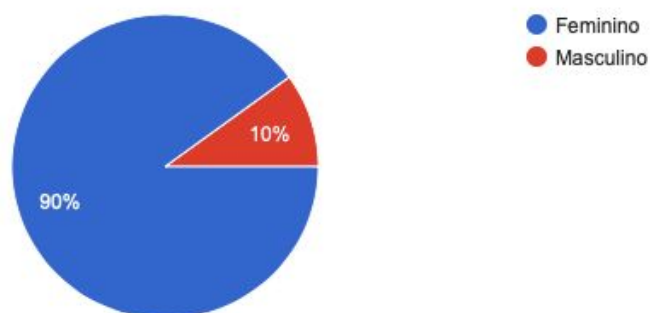
### Idade

20 respostas



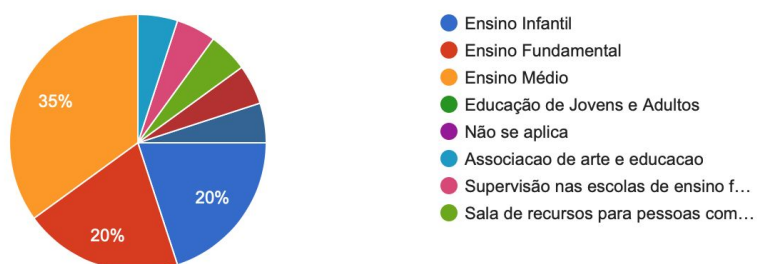
### Gênero

20 respostas



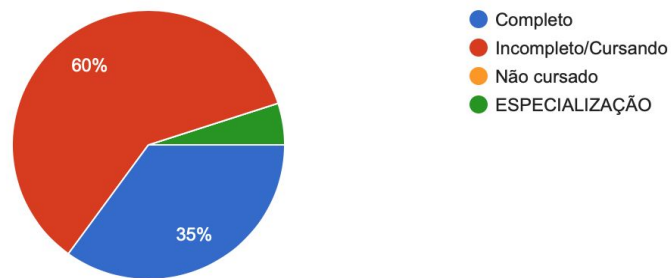
### Qual o nível escolar?

20 respostas



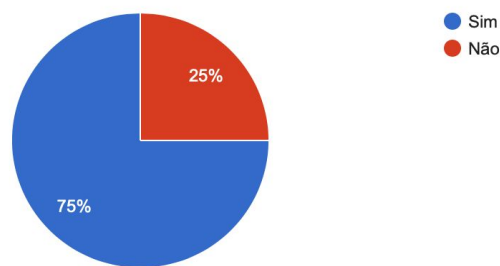
## Graduação

20 respostas



## Durante a graduação, você teve oportunidade de participar de matérias inclusivas?

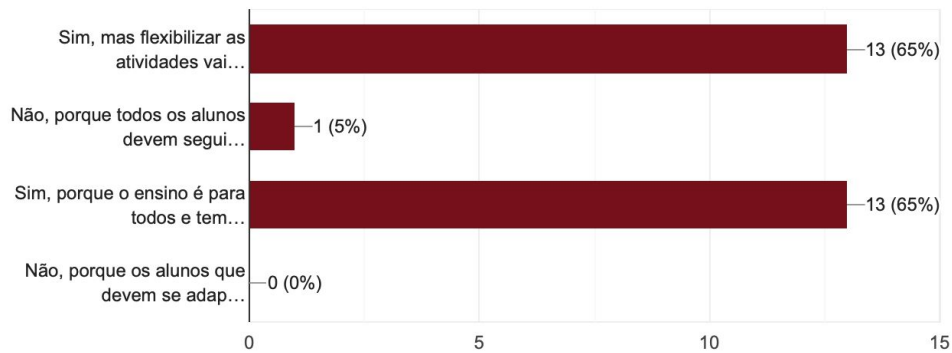
20 respostas



A respeito da inclusão no ambiente escolar, mudança do Projeto Político Pedagógico e currículo, 65% marcaram a resposta “Sim, mas flexibilizar as atividades vai além do trabalho exigido pelo professor” e também marcaram “Sim, porque o ensino é para todos e tem que haver uma modificação no currículo”. Houve apenas uma pessoa que marcou uma afirmação “Não, porque todos os alunos devem seguir o mesmo padrão de ensino” e provavelmente essa pessoa não conhece muito a respeito do que é Inclusão. Além disso, essa mesma pessoa respondeu que não há redução do número de alunos quando há um aluno NEE e 95% respondeu que em sala com muitos alunos, o professor enfrenta mais dificuldades.

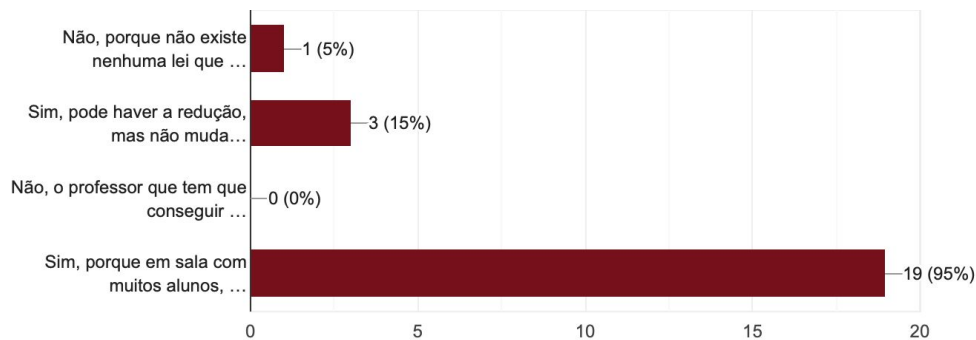
## Quando a escola se diz apta a ser inclusiva, é necessário modificar o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o currículo?

20 respostas



## Em relação a sala de aula, quando há um estudante NEE (Necessidades Educacionais Específicas) é necessário haver redução do número de alunos? Por que?

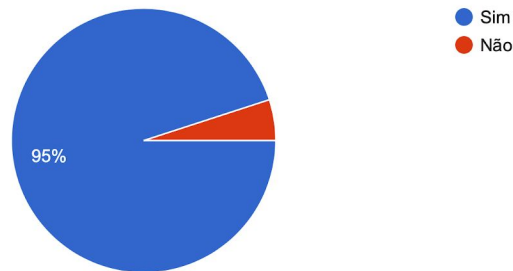
20 respostas



Em relação aos professores, 95% acham que o professor tem um papel importante para a inclusão e 90% acham que os professores não estão preparados ou não entendem o que é inclusão. Assim como saber se a escola pode ser trocada por um centro de educação especial, 75% responderam "Não". Se estamos falando muito sobre a inclusão, seria bastante ignorância dizer que a escola inclusiva pode ser trocada por um centro de educação especial, já que o intuito da educação inclusiva é incluir todos os alunos na escola regular visando a ajudar os alunos a combaterem o preconceito, fazê-los respeitar e ter paciência com o próximo além de reconhecer e valorizar as diferenças através das competências e capacidades de cada estudante.

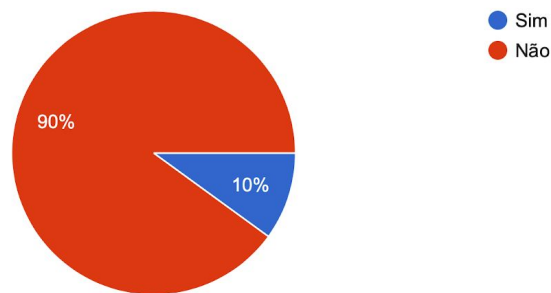
O professor tem um papel fundamental para a inclusão e na identificação de necessidades dos alunos?

20 respostas



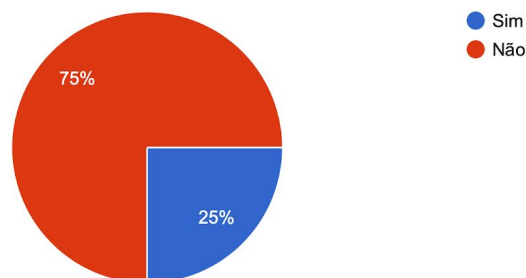
Você acha que os professores estão preparados e entendem todo o processo de inclusão?

20 respostas



Uma escola inclusiva pode ser trocada por um centro de educação especial ou sala de recursos?

20 respostas

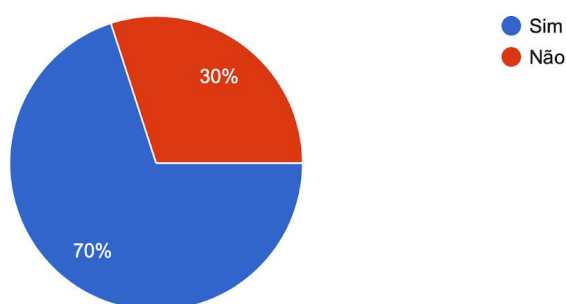


A estrutura das escolas é bastante importante para ser um ambiente inclusivo. Não basta apenas fazer mudanças para uma sala de aula ou algo apenas para o aluno, isso torna a escola integrada, mas não inclusiva. Isso é algo que deve ser ensinado para todos, pois há uma confusão entre o entendimento das duas palavras. A escola inclusiva é para alunos regulares estudarem junto dos alunos NEE e a escola especial é exclusivamente para os alunos com deficiência.

Assim, 70% responderam que as escolas que frequentam ou já frequentaram se diziam ser inclusivas e com estrutura física própria para receber os alunos com deficiência. Porém, não é assim que funciona, muitas escolas quando vão passar por inspeções para saber se estão aptas para receber alunos com deficiência, eles acabam fazendo reformas temporárias como rampas e outros, para dizer que estão aptas, mas logo em seguida eles retiram essa estrutura temporária fazendo com que uma parte da escola fique inacessível para esses estudantes.

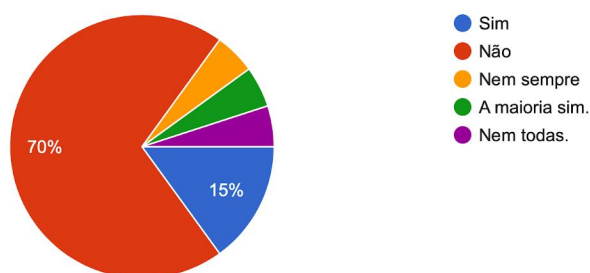
### Você já teve experiências em escolas que se dizem inclusivas?

20 respostas



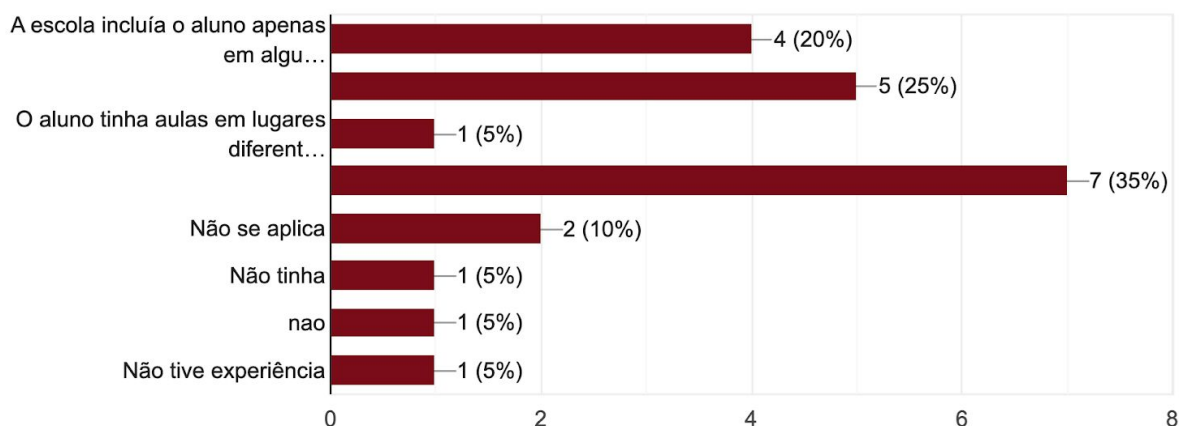
### As escolas possuem estrutura física propícia para receber esses alunos?

20 respostas



### Se sim, como era realizada a inclusão?

20 respostas

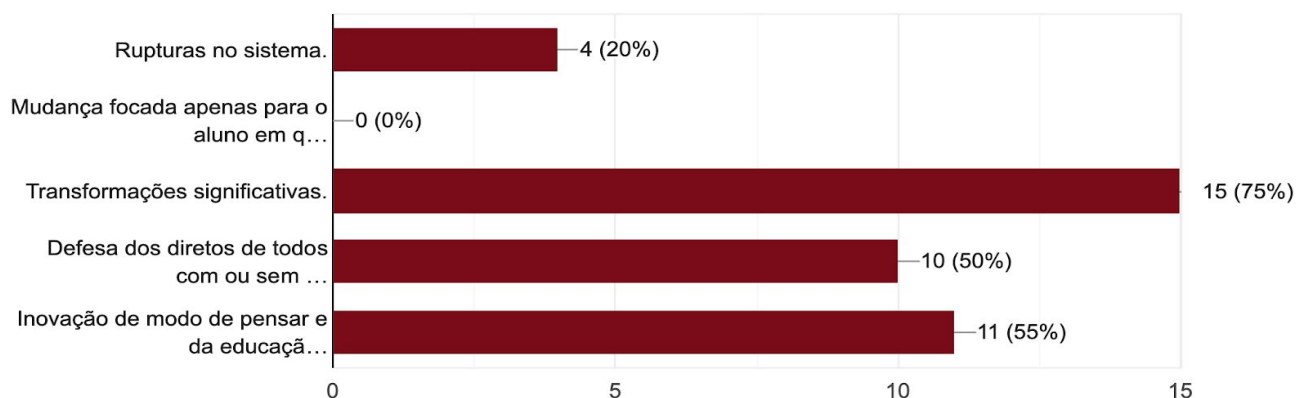




Muitas pessoas podem achar que a inclusão não muda muita coisa no país, mas isso ocorre porque elas não tiveram a oportunidade de estar em uma escola em que a inclusão ocorre, ou não lembram de como eram as escolas antigamente. O tópico abaixo mostra o que as pessoas consideraram vantagens e desvantagens sobre a inclusão.

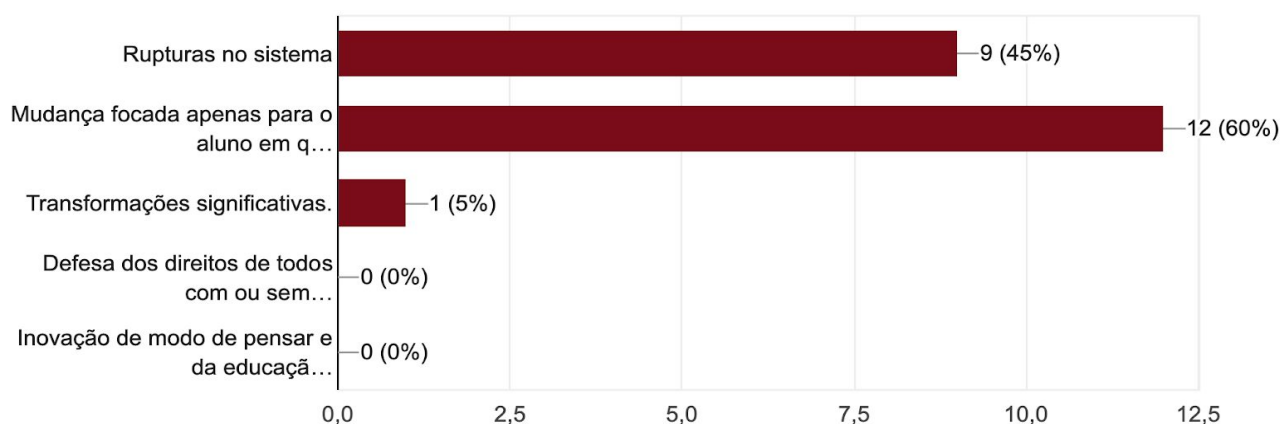
### Quais as vantagens de uma escola inclusiva para os alunos que necessitam disso?

20 respostas



### E as desvantagens?

20 respostas



Foi feita uma pergunta sobre o que o entrevistado considera uma escola ser inclusiva. Todos os responderam que é uma escola para todos, mas uma resposta se sobressaiu que foi "Ter estrutura física adequada, professores capacitados e

sensibilizados com a deficiência do aluno, ter material pedagógico abundante, ter sala de recurso e equipe de apoio à aprendizagem, apoio da família do aluno e boa vontade dos envolvidos". Ou seja, a inclusão não é apenas incluir o aluno na escola, pois vai muito além da sala de aula. Como foi mencionado na resposta acima, todos ao redor do aluno tem o seu papel e a sua importância no aprendizado deste.

## O que você considera uma escola ser inclusiva?

20 respostas

TER ESTRUTURA FÍSICA ADEQUADA, PROFESSORES CAPACITADOS E SENSIBILIZADOS COM A DEFICIÊNCIA DO ALUNO, TER MATERIAL PEDAGÓGICO ABUNDANTE, HAVER SALA DE RECURSO E EQUIPE DE APOIO À APRENDIZAGEM, APOIO DA FAMÍLIA DO ALUNO ANEE E BOA VONTADE DOS ENVOLVIDOS.

Considero uma escola inclusiva uma escola que atende às necessidades de qualquer que seja o transtorno ou deficiência, com profissionais preparados, estrutura, PPP e sala de recursos prontos para atender a qualquer necessidade que possa aparecer.

Uma escola preparada para incluir alunos pnee em na aprendizagem é apagada para suas necessidades

É aquela que garante um ensino de qualidade para todos os alunos independente da sua condição física ou intelectual.

Escola que receba alunos ANEES

Inclusão de todos os alunos

Uma escola que é regular, mas que se adapta pra atender alunos com NEE.

que seja capaz de trabalhar com a deficiência sem tentar "normatiza la".

Uma escola em que todos são tratados de maneira igual com adaptação para os que necessitarem.

Uma escola que atenda às necessidades dos alunos especiais.

Que inclui o aluno com nee

Uma escola que pense o aluno especial como parte do todo no ensino e não como aquela criança "nova"

Que inclua alunos com necessidades educacionais especiais desde uma criança que possua uma síndrome/limitação física até considerar os tipos de aprendizagem que os alunos podem ter.

Onde a diferença é respeitada e todos tem oportunidades de acordo com suas necessidades e não oportunidades de aprendizagem padronizadas.

Uma escola para TODOS

A escola que oferece ensino de acordo com a necessidade de cada estudante.

Onde os que possuem mais dificuldades também têm oportunidades iguais aos demais

Uma escola que acolha à todos igualmente mas entendendo as especificidades de cada educando

Uma escola que inclui completamente o aluno (seja em atividades, brincadeiras, exercícios) e mesmo havendo uma mudança no currículo, espera-se que todos aprendam.

Um escola para todos!

## **Segunda escola**

A instituição estudada é privada e possui crianças de 6 meses a 5 anos de idade, está localizada no Lago Sul e se encontra em Brasília. Possui refeitório, enfermagem, sala de música/artes, 17 salas de aula (incluindo as salas do contraturno), áreas recreativas (parque coberto e o parque na grama), área para a psicomotricidade (conhecida como circo), sala de leitura, secretaria, sala para o orientador pedagógico e três escritórios administrativos.

A estrutura da instituição é adaptada para as crianças com deficiência, tendo escadas apenas para a direção, administração e sala dos professores que é utilizada apenas para os funcionários. A escola atende crianças de 6 meses a 5 anos (Baby a Kids 5) e possui uma programa bilíngue tendo inglês diário no currículo. Além disso, as crianças também têm aulas de espanhol e psicomotricidade duas vezes por semana; e música e artes uma vez por semana.

As salas de aula possuem tapetes emborrachados onde são realizadas o calendário, contação de histórias e explicação de atividades, mesa para atividades, brinquedos da sala, espaço reservado para uso pessoal das crianças, banheiro e o cantinho da calma que é usado quando a criança não está se sentindo bem é necessita se acalmar. A escola dispõe de 4 áreas de lazer, uma sendo o solário que é utilizado apenas para os alunos das salas "Baby 1 e Baby 2", o parque coberto utilizado mais para as crianças mais novas até 2 anos, o parque na grama que possui 4 brinquedos para as crianças mais velhas e por fim, o parque de areia que contém algum brinquedos como pás, escorregador e caminhões.

### **Observação realizada na turma da Creche 1 - Kids 2 (2 anos)**

As observações com essa turma teve início no dia 13 de Março e foi finalizado em 12 de Julho no turno matutino. A turma do Kids 2 possui 12 crianças e entre eles há uma criança A que foi diagnosticada como autista no início do ano, uma criança B com Síndrome de Down e uma criança C também autista, chamado por muitos na escola de "autista clássico". Nessa sala há duas assistentes, uma assistente para a criança C e duas vezes por semana a psicóloga da aluna A trabalha a questão social com ela e com a turma.

Essa é uma sala bastante interessante para observar o trabalho e o entendimento que as professoras têm sobre as crianças que precisam de um atendimento diferenciado. Como o foco é a formação de professores em relação a Educação Especial, foi observado como as professoras/monitoras se portam em sala, além de também observar como a classe interage com os alunos A, B e C.

As crianças do Kids 2 aprendem com a repetição, como foi observado durante as aulas assistidas da professora regente. Eles gostam muito de escutar as mesmas músicas e de copiar os movimentos que fazemos quando estão escutando e dançando certas músicas. É importante lembrar que cada criança têm o seu ritmo de aprendizagem, porém, as professoras e monitoras ajudam muito nesse processo.

A rotina que essa turma têm é bem dividida entre as aulas de específicas como Artes, Espanhol, Inglês, Psicomotricidade e Música. E essas atividades são de suma importância para o desenvolvimento das crianças, inclusive para as crianças A, B e C para que elas consigam desenvolver certas habilidades ainda não conquistadas por elas. As crianças que participam do contraturno têm o momento de sono, que ocorre depois do almoço e após esse momento, elas participam de diversas atividades como capoeira, judô, ballet e futebol

As crianças sabem a hora das atividades e sabem como se comportarem durante as aulas, o que é bastante interessante porque caso alguém faça algo que não está na rotina, elas acabam nos questionando sobre o porquê da mudança. A professora mostrou saber o que estava fazendo com as crianças, ela demonstra muita calma e também domina o processo de aprendizagem dos alunos. Ela sempre está animada, seja cantando ou mostrando as atividades que as crianças devem fazer, também quando passa os cards para elas (que são cartões com imagens e outros com palavras, que é explicado pelo método Doman).

A relação professor-aluno é visível nessa turma, onde a professora está muito presente e mostra muito afeto pelas crianças. De acordo com Vygotsky (2001), a relação professor-aluno não deve ser de imposição, mas sim de cooperação, de respeito e crescimento. Neste contexto, o professor tem um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão, cabe ao professor considerar o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Atuando então, intermediando todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Para Vygotsky (2001b), a sala de aula é um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. O processo de aprendizagem se dá pela interação social, também pode-se dizer que a mediação do professor é a relação professor-aluno são fundamentais nesse processo.

O trabalho com essa turma é bastante desafiador por haver as crianças que precisam de atividades adaptadas e, muitas vezes, uma atenção maior da professora. Porém, as assistentes dão todo o suporte que as crianças precisam como trocar fralda, banho (caso precise), comida e outros afazeres. Essa escola não possui uma classe especial, as crianças não estão "preparadas" para entrar nas salas de aula. As crianças nos surpreendem com as novidades que trazem, as histórias e as explicações sobre assuntos diversos. Os estímulos ajudam muito as crianças e pode-se notar que isso ocorre diariamente com a classe, para que assim eles podem ficar mais autônomos.

No fim, a observação e vivência que a pesquisadora teve nessa turma, mostrou que as 12 crianças não mostraram quaisquer medos ou motivos para excluir os alunos A, B e C.

#### **Observação realizada na turma do Kids 4 (4 anos)**

As observações feitas na turma do Kids 4 (4 anos) foram realizadas no período vespertino do dia 13 de Março até o final do ano letivo. Nessa sala há 16 crianças, sendo um com a Síndrome de Sotos e ele é acompanhado por uma monitora que é exclusiva, há também duas assistentes e a professora regente.

De acordo com o website Síndrome de Sotos: A CID 10 (catálogo internacional de doenças estabelecido pela Organização Mundial da Saúde OMS e utilizada pelo SUS no Brasil), a Síndrome de Sotos é uma síndrome relacionada a malformação congênita com hipercrecimento precoce. Ela é identificada com o código Q87.3 na CID 10 juntamente com outras duas síndromes (síndrome de Weaver e a de Beckwith-Wiedemann). Descrita inicialmente em 1964, por um médico chamado Dr. Juan Sotos, ao analisar cinco crianças com crescimento acelerado. (FAGALI, 2008).

Algumas características apresentadas pelas crianças foram: testa proeminente, palato alto, idade óssea avançada, mãos e pés grandes, prognatismo leve, atraso no desenvolvimento, entre outros. (FAGALI, 2008). Na maioria dos casos, a síndrome causa um maior impacto nos 4 ou 5 primeiros anos de vida das crianças.

As características dessa síndrome estão presentes em 90% dos indivíduos diagnosticados com Síndrome de Sotos sendo elas:

- Aparência é mais aparente entre 1 e 6 anos e são apresentadas como: macrocefalia, testa proeminente, falha de cabelo na parte frontal, olhos caídos (fissuras palpebrais descendentes) e queixo pontudo.
- Supercrescimento no nascimento da estatura, dos pés, das mãos e do crânio.
- Dificuldades motoras: Dificuldades nas etapas de engatinhar, andar, falar, pular, correr e aprender.

De acordo com Fagali (2008), com o avançar da idade as características/anomalias vão diminuindo. Segundo Fagali (2008) "Os aspectos neurológicos são variáveis e incluem hipotonia, dificuldade de alimentação e atraso no desenvolvimento motor e da linguagem, com tendência a melhorar com a idade" (FAGALI, 2008, p.6). Relacionado às dificuldades de falar e andar, Fagali (2008) apresenta que o andar na maioria dos casos ocorre próximo dos 15 meses e o da fala depois dos 30 meses.

Existem diversos estudos que apontam como um problema de microdeleção ou mutação no gene NSD1. Porém, nem todas as pessoas diagnosticadas com Síndrome de Sotos apresentam essa mutação genética nesse gene. Por isso ainda não existe um exame que apresenta resultado em 100% dos casos, o que torna o diagnóstico na maioria das vezes clínico. De acordo com Fagali (2008), em 1994 Cole e Hughes definiram os critérios de diagnóstico utilizados até hoje, que são: face típica, crescimento acelerado, idade óssea acelerada e atraso no desenvolvimento.

Pode ser observado que no primeiro dia as crianças ficaram bastante curiosas ao ver a pesquisadora, mas também foram extremamente carinhosas. A professora é excelente, ela consegue dominar a turma de um jeito diferente e todos a amam. A professora deixa a turma livres para ver um filme ou brincarem quando e

o dia do brinquedo (toda sexta-feira) com os brinquedos de casa e é claro que todos brincam juntos. Além do dia do brinquedo, sexta-feira também é o dia que as crianças escolhem um livro para levar para casa, que faz parte do projeto Troca Troca da Alegria. As assistentes separam alguns livros e as crianças decidem qual querem e coloca dentro da bolsa do projeto para levar para casa.

A rodinha dessa turma se resume em mostrar os cards com as palavras e os cards com as imagens (que são trocados de 15 em 15 dias), apresentar o conteúdo do dia e explicar a atividade que será feita. A turma faz muitas atividades que exigem a coordenação motora fina e a professora trabalha bastante com atividades para melhorar isso, já que os alunos estão um pouco atrasados em relação a outras salas.

Eu gostei da experiência de observar essa turma, eles são incríveis! Eles gostam muito de ajudar, são agitados e doces. A professora mostrou ser muito preocupada com o desenvolvimento dos alunos tanto em relação ao intelectual quanto as emoções. O respeito naquela sala é mútuo e a equipe é bastante unida, as regras da sala são respeitadas por todos e eu me senti bem acolhida por elas.

## **Considerações Finais**

A formação dos professores, principalmente para os que irão para a Educação Infantil, requer bastante atenção e estudo. Assim como a formação continuada para que o professor se desenvolva as suas competência e a qualidade e de acordo com a realidade dos presentes na sala de sala. A escola também têm um grande papel na formação continuada dos professores podendo promover vários seminários, palestras, oficinas ou o que for deixar os professores mais engajados.

Além dos professores sempre estarem procurando aprimorar seu conhecimento, eles também devem estar mais abertos a realidade da escola, sabendo que é inclusiva e que a educação é um direito de todos. O professor deve buscar estratégias novas para auxiliar as crianças e assim, superar as dificuldades do desenvolvimento de cada uma.

Segundo Piaget (1989, p.53) Os professores podem guiá-las proporcionando-lhes os materiais apropriados mais o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que

ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma, permanecerá com ela.

O professor deve ser o mediador da aprendizagem dos alunos e não reproduzir o que ocorria com a Pedagogia Tradicional, não deve ser algo imposto sobre os alunos. Criando estratégias pedagógicas, os desafios encontrados por muito professores podem minimizar ao longo do ano, sendo elas a relação professor-aluno, diálogos com a turma para trazê-los para perto e criar uma relação mais afetiva.

## Referências

SILVA, Simone Cerqueira da e ARANHA, Maria Salete Fábio. **Teacher and students' interaction in classrooms with pedagogical proposal in inclusive education**. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2005, vol.11, n.3, pp. 373-394.

CARVALHO, R. **Educação inclusiva**: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação.

GLAT, Rosana. **Formação de professores na educação inclusiva: diretrizes políticas e resultados de pesquisas**.in: Anais do XIII ENDIPE- XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino –Recife – Pernambuco – 2006.

MAZZOTTA, M. **Educação Especial no Brasil**: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

SISSON, Daya. **A educação inclusiva e a Ética da Libertação de Paulo Freire**. Revista Brasileira de Bioética. 2009;5. (1-4):48-62.

MANTOAN, M. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>



BRASIL. **Decreto Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm)

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão.** 13.146 de 06/07/2015:

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/.../Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/.../Lei/L13146.htm)

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **A formação de professores para a educação inclusiva e os possíveis impactos na escolarização de alunos com deficiências.** *Cad. Cedes*, Campinas, v. 34, n. 93, p. 207-224, maio-ago. 2014:

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v34n93/0101-3262-ccedes-34-93-0207.pdf>.

### **Evolução da Educação Especial no Brasil**

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>> Acessado em: 15 out. 2019

GATTI, Bernardete A. **Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses.** *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

Editora UFPR: <http://www.scielo.br/pdf/er/n50/n50a05.pdf>.

MENDONÇA, Fabiana Luzia de Rezende; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **A formação docente no contexto da inclusão: para uma nova metodologia.**

*Cadernos de Pesquisa*, V 45, Nº 157, 2015:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/3274/pdf3>.

**Lei no 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). DOU de 7 jul. 2015.

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>.

Acessado em: 10 nov. 2019.

CARVALHO, Lorena Resende. **Deficiência mental: aprendizagem e desenvolvimento.** *Estudos*. Goiânia. v. 33, n 5/6, p. 473-486. Maio/Junho 2006:

<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/298/242>

BRASIL. Lei no 4.024, de Dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 27 dez. 1961. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm)>. Acessado em: 10 nov. 2019.

Notas estatísticas. **Censo Escolar da Educação Básica** de Fevereiro de 2017.

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/201](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/201)

7/notas\_estatisticas\_censo\_escolar\_da\_educacao\_basica\_2016.pdf>. Acessado em: 17 ago. 2019.

Notas estatísticas. **Censo Escolar** de Janeiro de 2019. <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf)>. Acessado em: 17 ago. 2019.

Site **Síndrome de Sotos** 2019 <<http://www.sindromedesotos.com.br>> Acessado em: 20 nov. 2019

**BARBOSA, A.** As implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil. Anais 35<sup>a</sup> Reunião da Anped. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt05-2468\\_int.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt05-2468_int.pdf). Acesso em: 19 dez 2019.

**JACOMINI, M. A.; ALVES, T.; CAMARGO, R. B.** Plano Nacional de Educação e remuneração docente: desafios para o monitoramento da valorização profissional no contexto da meta 17. In: Anais 37<sup>a</sup> Reunião da Anped. Florianópolis: UFSC 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT05-4065.pdf>. Acesso em: 19 de dez 2019.